

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

ASPECTOS CULTURAIS NO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL (PLA): UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO INTERCULTURAL

Pedro Ivo SILVA
(Universidade Estadual de Goiás)
pi.silva@gmail.com

Raimundo Márcio Mota de CASTRO
(Universidade Estadual de Goiás)
prof.marcas.posgrad@gmail.com

Barbra SABOTA
(Universidade Estadual de Goiás)
barbrasabota@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem por objetivo discutir a mediação didática intercultural no ensino de português como língua adicional, com base nos tópicos interculturais 'gestos' e 'vestuário' evidenciados em uma entrevista semiestruturada com um estudante nigeriano residente no Brasil. Para isso, observamos os pressupostos teóricos de pesquisa de natureza qualitativa e 'estudo de caso', bem como as discussões referentes ao multiculturalismo e à interculturalidade. Na análise interpretativa da entrevista, percebemos a intrínseca ligação entre língua e cultura por meio dos pontos de contato cultural conflitantes do estudante, os quais pareceram ser motivacionais em sua aprendizagem sobre a língua portuguesa. Consideramos, com isso, que a mediação didática intercultural pode ser capaz de otimizar a aprendizagem dessa língua – ou outra adicional – em seus aspectos linguísticos e culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Mediação didática. Interculturalidade. Português como língua adicional.

ABSTRACT: *This article aims to discuss the intercultural didactic mediation associated to concepts of multiculturalism and interculturality concerned to the intercultural topics arising in a semi structured interview with a Nigerian student of Brazilian Portuguese. The data were analyzed under qualitative interpretativist research paradigms. An intrinsic relation between language and culture appears on the student interview analysis as well as the subjects 'gesture' and 'clothing' as cultural conflicting points of contact in his learning. These elements can*

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

be motivational in his linguistic and cultural learning of the Portuguese language and indicate the possibility of contribution of the intercultural didactic mediation in this process.

KEYWORDS: *Didactic mediation. Interculturality. Portuguese as an additional language.*

0. Introdução

Recentemente tem sido frequente em estudos de Linguística Aplicada o uso do termo 'adicional'¹ em contextos de educação linguística que envolve uma língua outra que não a materna a fim de enfatizar o acréscimo que se tem quanto a aspectos linguísticos, históricos e culturais ao investigar o processo de ensino e aprendizagem desta língua. Em alguns textos, no entanto, nota-se que o termo 'Língua adicional' (LA) vem sendo utilizado para referir-se ao ensino de uma língua estrangeira (LE) ou de uma segunda língua (L2) indistintamente (PERNA; SUN, 2011). No sentido de seu uso aplicado neste artigo, entretanto, é interessante a conceituação e diferenciação proposta por Spinassé (2006, p. 6) acerca de LE e L2, no que tange ao contexto de uso e à necessidade comunicativa, pois

uma Segunda Língua é uma não-primeira-língua que é adquirida sob a necessidade de comunicação e dentro de um processo de socialização. [...] A grande diferença é que a LE não serve necessariamente à comunicação e, a partir disso, não é fundamental para a integração.

Essa explanação nos situa acerca dos contextos atuais de ensino do Português do Brasil como Língua Adicional (PLA), cuja procura por aprendizes em seus próprios países liga-se a finalidades comerciais e/ou turísticas, muitas vezes motivada pelo cenário midiático internacional sobre o País devido aos eventos esportivos recentes, como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016², apesar das recentes

¹ A expressão "língua adicional" ou sua sigla "LA" serão utilizadas indiscriminadamente ao longo do texto com o mesmo significado.

² O professor assistente da Universidade de Dartmouth, Carlos Minchillo, comenta sobre a motivação e o interesse dos estudantes universitários pelo aprendizado do português do Brasil ligados a esses eventos, em entrevista à *Revista Language Magazine* (Califórnia, abril de 2012), traduzida pelo

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

mudanças no cenário político e econômico brasileiro que têm influenciado também na diminuição da imigração de estrangeiros europeus para aqui residirem³.

Por outro lado, um fator de contribuição para essa demanda pela língua portuguesa pode estar ligado à crescente imigração para o Brasil de haitianos, latino-americanos e africanos, em razão dos incentivos estatais para intercâmbios de estudo, oportunidades de trabalho ou, ainda, como refugiados⁴. Outro fator importante que pode ter contribuído para essa procura é a Lei nº 11.961/09⁵, responsável pela anistia migratória àqueles em situação irregular em território nacional brasileiro. Essas situações de imigração conduzem esses aprendizes a um contexto de imersão cultural para além do simples aprendizado estrutural da língua portuguesa.

No contato com alguns desses estrangeiros em situação de imersão linguística e cultural em Brasília-DF, percebemos que existiam algumas situações de dificuldade de aprendizagem da língua, tanto na modalidade escrita como na falada, em relação a situações linguísticas e culturais, desde palavras e expressões a hábitos e tradições regionalizados. Essa percepção realizada no trabalho pedagógico corrobora o que demonstra Brun (2003), para quem surgem condições únicas nesse processo relacional do aprendiz com os aspectos linguísticos e culturais da língua-alvo no ensino de uma língua estrangeira para adultos, em que há línguas em contato (a língua materna dos aprendizes e a LE). Segundo a autora:

[...] as dificuldades se apresentam quando novos dados colocam em questão os princípios, as maneiras de fazer e ver o mundo, que nós temos incrustados na nossa maneira de perceber a vida e a arte de viver; ou seja, quando existe um choque entre as representações existentes e aquelas que são construídas (ou

blog <<https://ventosdalusofonia.wordpress.com/2012/07/11/aumenta-a-demanda-pela-lingua-portuguesa-nos-eua>>. Acesso em: 10/12/2015.

³ A respeito do cenário atual de imigração no Brasil:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151201_imigracao_brasil_jc>. Acesso em: 19/01/2016.

⁴ Informações disponíveis nos sites:

<http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=3112&catid=29&Itemid=34> e <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2014-12/facilidade-com-lingua-e-vagas-de-trabalho-fazem-angolanos-virem-para>>. Ambos os acessos em: 10/12/2015.

⁵ A referida Lei pode ser encontrada na íntegra em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2009/Lei/L11961.htm>. Acesso em: 10/12/2015.

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

reconstruídas) a partir da introdução da língua e da cultura estrangeira na vida do aprendiz (BRUN, 2003, p. 108).

Dessa forma, é possível inferir que fatores culturais emergem também como dificuldade na aprendizagem do português brasileiro – no que tange à compreensão e uso semânticos de palavras e expressões verbais e não verbais, além de hábitos, costumes, vestuário etc. –, fatores esses intimamente ligados à cultura de estados e regiões do país.

No que concerne ao entendimento sobre cultura, trazemos como referência algumas concepções e primeiras definições do termo, como o que foi proposto por Edward Tylor (1832-1917), por exemplo, ao considerar que cultura seria “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes, ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TYLOR 1871 apud LARAIA, 2006. p. 25), portanto um fenômeno pertencente à natureza, mas dividido em estágios de desenvolvimento ou evolução; a causa da diversidade existente. Reflexões mais atuais sobre o termo ainda trazem por base o conceito de Tylor, porém o analisam como um conceito social e não próprio da natureza, como o antropólogo Marvin Harris (1927-2001), para quem a cultura seria como uma ordem social estabelecida por cada sociedade e não uma verdade inata (HARRIS, 1969 apud LARAIA, 2006). Paraquett (1998) segue na mesma via de Harris sobre esse entendimento social, adicionando a isso a questão da unidade identitária nesse processo de formação cultural. Para a autora, cultura seria “o conjunto de tradições, de estilo de vida, de formas de pensar, sentir e atuar de um povo” (p. 118).

Com base nessas definições, pode-se dizer que a língua é um dos aspectos identitários de uma sociedade e que não está dissociada da cultura, mas é parte integrante dela, afinal juntas auxiliam na caracterização e formação de identidades dos indivíduos e de suas comunidades (FIGUEREDO e REES, 2010). Neste mesmo sentido, Godoi (2005, p. 2), afirma que “uma língua encerra em si mesma a história do seu povo, suas tradições, as características culturais de uma comunidade”, sendo tratada, portanto, como um processo cultural. Laraia (2006, p. 52), por sua vez, explica que “mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral”. Nesse sentido, podemos então compreender o lugar da língua na cultura e sua intrínseca relação dialética, de tal forma que igualmente se pode pensar que o ensino de

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

uma língua está imbricado ao ensino dos aspectos culturais de seus falantes.

Sob a perspectiva dessa ligação entre língua e cultura, a presente pesquisa buscou aportes teóricos no que tange à mediação intercultural no ensino de uma língua adicional, mais especificamente do português do Brasil, a fim de responder ao seguinte questionamento surgido com base nas experiências de ensino dessa língua aqui já mencionadas: como mediar a aprendizagem intercultural de PLA sem que questões relacionadas à cultura brasileira acabem por se tornar elementos secundários no ensino ou desconsiderados das necessidades dos aprendizes? Com vistas à compreensão dos aspectos ligados a essa questão, buscamos discutir neste artigo processos de mediação didática associados aos conceitos de multiculturalismo e interculturalidade na área da educação e do ensino de línguas. Na sequência, apresentamos os tópicos interculturais 'gestos' e 'vestuário', surgidos como pontos de contato cultural conflitantes na aprendizagem de PLA de um estudante nigeriano, e como estes elementos podem ser utilizados motivacionalmente na mediação didática intercultural para o ensino dessa língua.

1. Multiculturalismo, interculturalidade e mediação didática

A interculturalidade tem sido utilizada em diversas perspectivas sociais, entre elas nos aspectos educacionais, como no ensino de línguas. Nesse sentido, sua compreensão perpassa primeiramente pelo entendimento sobre a terminologia 'multiculturalismo', que pode ter o sentido de um sistema de transformações sociais básicas, cuja dimensão na formação para o e no trabalho docente deve levar em consideração a origem do termo antes de sua aplicação na área educacional

em meados do século XX nos Estados Unidos e que se difunde no mundo ocidental como forma de enfrentamento dos conflitos gerados em função das questões econômicas, políticas, e, mormente, étnico-culturais, na tentativa de combater discriminações e preconceitos, haja vista as dificuldades de indivíduos e grupos de acolher e conviver com a pluralidade e as diferenças culturais (ALBUQUERQUE e BRANDIM, 2008, p. 52).

Diante da polissemia do termo 'multiculturalismo', o qual pode ser acompanhado de adjetivos como *conservador*, *liberal*, *celebratório*, *crítico*, *emancipador*, *revolucionário* (CANDAU, 2011, p. 21, grifo da autora), Gonçalves e Silva (2001, p. 19) já alertavam que "defini-lo com precisão é tarefa bastante arriscada, fadada ao insucesso", portanto

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

procuraram enfatizar em sua obra como a experiência estadunidense – e posteriormente no Brasil, com as discussões e articulações surgidas com as reivindicações do Movimento Negro e estudos acadêmicos sobre o tema⁶ – contribui na reflexão sobre os desafios colocados ao sistema educacional brasileiro.

Consoante esse entendimento, Candau (2000) apresenta o multiculturalismo pautado na concepção de que coexistem diferentes grupos culturais em uma mesma sociedade e que a consciência desta realidade é motivada por diferentes interesses, discriminações e preconceitos surgidos de fatos concretos que configuram essa realidade. Nessa perspectiva, autores como Gonçalves e Silva (2001; 2003), Albuquerque e Brandim (2008) e Candau (2008) ampliam o entendimento acerca do multiculturalismo sob a vertente crítica (MCLAREN, 2000), em que “a linguagem e as representações (raça, classe ou gênero) assumem um papel central na construção da identidade e do significado” (ALBUQUERQUE e BRANDIM, 2008, p. 63), portanto “privilegia a transformação das relações sociais, culturais e institucionais em que os significados são gerados” (CANDAU, 2008, p. 51).

O conceito de multiculturalismo crítico pode ser usado de maneira próxima ou análoga à perspectiva da interculturalidade na educação, conforme expõe Candau (2008, p. 51), quando diz que essa perspectiva “quer promover uma educação para o reconhecimento do ‘outro’, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais” e “[...] está orientada à construção de uma sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade”. Apesar de divergências na literatura quanto à contraposição ou aproximação entre multiculturalismo e interculturalidade, Candau (2011) admite o uso do último termo dentro do universo do primeiro, pois “sua especificidade está em colocar a ênfase na interação entre os distintos grupos socioculturais, favorecendo o diálogo entre os sujeitos, seus saberes e práticas sociais” (CANDAU, 2011, p. 22).

Em uma análise sobre o desenvolvimento original e plural da concepção e trajetória de educação intercultural na agenda latino-americana, sobre o contexto da educação escolar indígena, Lopez-Hurtado Quiroz (2007, p. 21-22 apud CANDAU, 2011, p. 21) diz que

⁶ “Assim como nos Estados Unidos, o multiculturalismo no País nasce nas primeiras décadas do século XX sob a iniciativa dos movimentos negros. Mas, diferentemente do que ocorreu em território norte-americano, os debates não contaram inicialmente com a adesão das universidades, o que vem a ocorrer somente a partir dos anos 80 e, sobretudo, dos anos 90 em diante” (ALBUQUERQUE e BRANDIM, 2008, p. 58).

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

a interculturalidade supõe agora também abertura diante das diferenças étnicas, culturais e linguísticas, aceitação positiva da diversidade, respeito mútuo, busca de consenso e, ao mesmo tempo, reconhecimento e aceitação do dissenso, e na atualidade, construção de novos modos de relação social e maior democracia.

Essa perspectiva intercultural mostrada pelo autor para a área educacional também já vinha sendo discutida por Fleuri (2001) como estratégias relacionais de entendimento entre grupos diferentes, no sentido de construir identidades sociais e reconhecer as diferenças culturais. Assim, segundo aponta esse autor, no contexto das lutas contra a exclusão social,

surgem movimentos sociais que reconhecem o sentido e a identidade cultural de cada grupo social. Mas, ao mesmo tempo, valorizam o potencial educativo dos conflitos. E buscam desenvolver a interação e a reciprocidade entre grupos diferentes, como fator de crescimento cultural e de enriquecimento mútuo (FLEURI, 2001, p. 113).

O sentido de interculturalidade na educação aqui exposto também pode aproximar sua aplicação ao contexto de mediação didática no ensino de línguas, quando “o aprendiz de línguas reflete em sua própria cultura, bem como é levado a estimular a consciência das diferenças e das relações entre culturas” (RIBEIRO e TEIXEIRA, 2012, p. 286). Para isso, contudo, o entendimento do que seja mediação didática ou mediação pedagógica⁷ faz-se necessário para aplicarmos esse conceito a esse ensino. Inicialmente, no sentido que aqui pretendemos utilizar, é preciso compreender que mediação pode ser entendida como uma relação dialética, interdependente, em consonância ao que diz Toschi (2011, p. 118), para quem “mediar significa estabelecer conexões, por meio de algum intermediário”, ocorrendo, portanto, “de maneira contextual, inter-relacional, histórica, o que lhe confere complexidade na análise”. Essa relação intermediada dentro do contexto histórico-cultural, na teoria vygotskyana, é condição para o desenvolvimento humano “profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social” (VYGOTSKY, 1998, p. 40), já que o desenvolvimento

⁷ Alguns autores (D’ÁVILA, 2005; LIBÂNEO, 2007; TOSCHI, 2011) trazem a expressão ‘mediação didática’ para significar o mesmo que outros (GAZOLLI e LEITE, 2011; MASSETTO, 2013) chamam de ‘mediação pedagógica’, de tal forma que, apesar de termos optado pelo uso da primeira expressão ao longo deste artigo, algumas conceituações são apresentadas sob a forma da segunda, significando, portanto, o mesmo processo.

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

social deve ser considerado de grande importância, para além do âmbito biológico, pois a mediação do outro constrói a subjetividade e sua relação com as experiências externas (VYGOTSKY, 1998).

Nesse sentido, Masetto (2013) entende que o ato de aprender surge no desenvolvimento interativo do sujeito com os processos informais e formais de aprendizagem, em que o professor coloca-se, com suas estratégias pedagógicas, como mediador, facilitador, incentivador e motivador da aprendizagem do aluno. Para esse autor, a mediação pedagógica pressupõe o uso de técnicas adequadas ao processo de aprendizagem em suas diferentes dimensões. Por outro lado, Gazzolli e Leite (2011) mostram que a ênfase na cultura para entender o processo de desenvolvimento humano enfatiza a visão dialética entre dimensão afetiva e cognitiva, de tal forma que o trabalho pedagógico docente é atingido também pela afetividade, a qual supera as relações pessoais e podem determinar o nível de envolvimento e aprendizagem dos alunos, a depender das decisões e execução desse trabalho pelo professor. A respeito desse trabalho pedagógico, D'Ávila (2001, p. 6) explana que para ocorrer a mediação cognitiva (entre sujeito e objeto de conhecimento), a prática docente pressupõe a mediação didática do professor, a qual deve ser "capaz de tornar desejável e assimilável o objeto de conhecimento ao sujeito cognoscente". Por fim, Libâneo (2012) corrobora essa compreensão ao fazer uma análise do processo de mediação didática conforme a teoria histórico-cultural aqui mencionada:

A teoria histórico-cultural proposta por Vygotsky e seguidores é compatível com as noções de mediação didática, mediação cognitiva e práticas sociais. Para esses autores, a aprendizagem humana se caracteriza como mudanças qualitativas na relação entre a pessoa e o mundo, pela mediação de instrumentos ou ferramentas culturais envolvendo a interação entre pessoas, culminando com a internalização de significados sociais, especialmente saberes científicos, procedimentais e valorativos (LIBÂNEO, 2012, p. 40).

Dentro desse contexto, o autor também entende a mediação enquanto prática do ato educativo, que conduz os indivíduos a ampliar seus saberes resultantes desse desenvolvimento cultural e interativo. Portanto, nesse processo "é intrínseco ao ato educativo seu caráter de mediação, mediante o qual favorece o desenvolvimento dos indivíduos na dinâmica sociocultural de seu grupo, sendo que *o conteúdo dessa mediação são os saberes e modos de ação, isto é, a cultura que vai se*

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

convertendo em patrimônio do ser humano” (LIBÂNEO, 2001, p.158-159, grifo do autor).

Conforme esse autor, a mediação didática exige o reconhecimento dessa inter-relação cultural entre os indivíduos e o mundo, o que nos leva a pressupor que, para uma mediação didática intercultural, esse entendimento perpassa também pela compreensão e utilização, pelo professor, de instrumentos que motivem a aprendizagem de indivíduos de culturas em contato em seus processos inter-relacionais de conhecimento do outro e de seus saberes culturalmente construídos.

Proseguimos, portanto, nossa investigação sobre como trabalhar a questão da interculturalidade em relação ao ensino de português como língua adicional trazendo reflexões quanto ao papel da cultura no ensino de línguas e questões ligadas à interculturalidade, conforme os estudos de autores nessa área, como Bennett (1998), Kramsch (1998), Hall (1998) e Gripp (2005).

Inicialmente, os estudos de Kramsch (1998) no tocante à relação entre língua e cultura já demonstram como a língua se torna um sistema de signos de valor cultural em si e por meio do qual

os falantes identificam a si mesmos e aos outros por meio de seu uso da língua; eles veem sua língua como um símbolo de sua identidade social. A proibição do seu uso é frequentemente percebida por seus falantes como uma rejeição de seu grupo social e de sua cultura. Assim, podemos dizer que *a língua simboliza a realidade cultural” (KRAMSCH, 1998, p.3, grifo da autora, tradução nossa).*

Para a autora, além da percepção de que a realidade cultural é simbolizada pela língua, ou seja, a negociação para a comunicação depende dessa intrínseca relação – isso já em consonância com as ideias levantadas a esse respeito por autores aqui também citados (GODOI, 2005; LARAIA, 2006) –, esse símbolo fomenta a identidade social, especialmente quando há o contato entre línguas e culturas diferentes, o que pode ser visto como um aspecto de interculturalidade:

[...] o termo ‘cross-cultural’ ou **intercultural** geralmente refere-se ao encontro de duas culturas ou duas línguas para além das fronteiras políticas dos Estados-nação. [...] No ensino de língua estrangeira, uma abordagem ‘cross-cultural’ busca caminhos para entender o/a Outro/a no outro lado da fronteira, por meio do aprendizado de sua língua nacional (KRAMSCH, 1998, p. 81, grifo da autora, tradução nossa).

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Nesses encontros interculturais há sempre a possibilidade de rever-se enquanto povo e entender-se melhor como indivíduo a partir da visão do todo. Nesse sentido, refletir sobre língua e cultura é um exercício de auto-aprendizagem, ao passo em que passamos a nos entender mais pelo olhar do outro. Bennett (1998) entende que as relações entre culturas diferentes podem ser facilitadas pela comunicação intercultural, cujo objetivo é analisar as diferenças culturais existentes. Também sob essa percepção, o mesmo autor discute como a cultura objetiva (instâncias institucionalizadas como arte, música, teatro) gera conhecimento, mas não necessariamente competência intercultural, a qual está ligada ao que define como cultura subjetiva, ou seja, aquilo que está implícito culturalmente, como as práticas e aspectos linguístico-culturais diários (crenças, valores, hábitos e usos linguísticos, por exemplo), que caracterizam e definem uma determinada sociedade:

Cultura subjetiva refere-se às características psicológicas que definem um grupo de pessoas – o seu pensamento cotidiano e o comportamento – ao invés das instituições que elas criaram. Uma boa definição de trabalho da cultura subjetiva são os *padrões aprendidos e partilhados de crenças, comportamentos e valores de grupos de pessoas que interagem*. O entendimento de culturas subjetivas – a própria e a dos outros – torna-se mais suscetível ao alcance da competência intercultural (BENNETT, 1998, p. 3, grifo do autor, tradução nossa).

Também os estudos de Hall (1998), em consonância ao exposto acima por Bennet, mostram que a relação entre língua e cultura é muito estreita, entretanto o maior meio de comunicação desta é o modo não verbal e fora da nossa percepção. Para o autor:

[...] nós, seres humanos, somos guiados por duas formas de informação, acessada de duas maneiras distintas: tipo A – cultura manifesta – que é aprendida por palavras e números, e tipo B – cultura tácito-adquirida – que é *não* verbal, mas é altamente situacional e opera de acordo com regras que não estão em consciência, não são aprendidas no sentido usual, mas adquiridas no processo de crescimento ou simplesmente estando em diferentes ambientes (HALL 1998, p. 54, grifo do autor, tradução nossa).

Em se tratando do ensino de PLA – e relativamente ao pensamento dos autores supramencionados – Gripp (2005) afirma que os aspectos culturais e interculturais na mediação da aprendizagem

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

dessa língua devem levar em conta a particularidade brasileira de seu uso, com expressões utilizadas e aspectos socioculturais, inclusive no que diz respeito ao que “pode contribuir para um melhor entendimento do comportamento linguístico e social do brasileiro” (p. 4). Ainda conforme a autora:

[...] ser *interculturalmente hábil* é uma capacidade que envolve muito mais do que simplesmente traduzir fórmulas de polidez de uma língua para outra. Por isso, o estudo das relações que se referem à comunicação intercultural tem como base as formas próprias de pensar cada grupo, com suas ideias, o modo como se comunicam, o comportamento que adotam em determinadas circunstâncias e que caracteriza cada cultura de forma distinta (GRIPP, 2005, p. 4, grifo da autora).

Diante disso, a autora entende os aspectos socioculturais são importantes no aprendizado intercultural de uma língua, assim como os modos de vestir, agir, caminhar e principalmente as diferenças linguísticas – dentre outras características adjacentes – identificam indivíduos de culturas diferentes e “servem para organizar o sentido de coesão interna dos membros do grupo” (SCOLLON, 2001apud GRIPP, 2005, p. 4).

2. Aspectos interculturais de relevância para o ensino de PLA

A presente pesquisa está inscrita nos estudos de natureza qualitativa, que trata das relações sociais em suas múltiplas e diversas esferas e perspectivas de vida (ANDRÉ, 2005; FLICK, 2009). Nesse contexto, buscamos dados concretos de semelhanças ou contrastes culturais que um aprendiz de PLA poderia encontrar no Brasil. Esses dados foram interpretados como um ‘estudo de caso’, por meio do qual “você pode usar pessoas, comunidades sociais, [...] organizações e instituições como tema de uma análise de caso” (FLICK, 2009, p. 75), ou seja, a compreensão de determinada unidade “em sua complexidade e em seu dinamismo próprio, fornecendo informações relevantes para a tomada de decisão” (ANDRÉ, 2005. p. 49). Para isso, utilizamos como instrumento uma entrevista semiestruturada (LÜDKE; ANDRÉ, 1986; MOREIRA, 2004), gravada em áudio e vídeo, realizada com um estudante nigeriano de PLA, no ano de 2014, enquanto era aluno de um curso de português para estrangeiros, em Brasília-DF, do qual um de nós autores fazia parte como professor.

No momento da entrevista, o referido estudante tinha 22 anos, sendo daqui em diante identificado com o pseudônimo ‘Akin’ para

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

preservar sua identidade. Ele estava em preparação para realizar o exame de proficiência da língua portuguesa CELPE-BRAS e se encontrava no nível intermediário do curso, de forma que essa fase de preparação o motivou a conceder a entrevista, uma vez que considerou utilizar uma cópia da gravação realizada para seu estudo.

O informante foi escolhido em razão de já compreender a língua portuguesa e estar residindo e estudando no Brasil há cinco meses e meio (até o momento da entrevista), sob a condição de estudante universitário de intercâmbio. Sendo assim, direcionamos a entrevista para que ele falasse de temas culturais do Brasil que mais lhe chamassem atenção ou de algum assunto de conflito cultural em seu processo de aprendizagem da língua portuguesa ao longo de sua estadia no Brasil. Importante ressaltar que sua língua materna é o inglês, com influências do iorubá, *igbo* e *hausa*, segundo o próprio informante.

O roteiro de entrevista baseou-se em cinco perguntas iniciais⁸, das quais outras complementares surgiram para auxiliar no entendimento e enriquecimento das respostas dadas. Elegemos para este artigo dois temas emergentes em suas falas, os quais aqui serão aprofundados – a saber ‘gestos’ e ‘vestuário’. Para isso, transcrevemos e comentamos as falas mais significativas abordando os referidos temas – não necessariamente na ordem das perguntas – tomando por base, em alguns casos, a visão da cultura nigeriana⁹ em contraste com a cultura brasileira que os envolve, além do construto teórico de autores como Bruner (1975), Correz (1982), Silva (2001), Sanchez (2006) e Silva (2009). Cumpre ressaltar que corrigimos alguns pequenos desvios da norma culta na transcrição dessas falas, como cortesia para a maior fluidez do texto, uma vez que não se pretende realizar quaisquer análises de estrutura linguística, mas tão somente de conteúdo cultural.

2.1 Gestos

Conforme as reflexões teóricas até aqui apresentadas, compreendemos que o discurso não verbal é relevante nos processos de

⁸ 1) “O que você mais gosta e menos gosta no Brasil?”; 2) “O que você achou estranho sobre hábitos e costumes brasileiros quando chegou ao Brasil?”; 3) “O que você acha do jeito falar, andar, gesticular e se vestir dos brasileiros?”; 4) “Existe algo na cultura brasileira que é muito diferente da sua?”; 5) “Você acha que entende mais a cultura do Brasil após esse tempo morando no País?”.

⁹ As informações sobre a cultura nigeriana citadas daqui em diante tiveram por base as informações dadas pelo entrevistado e aquelas encontradas em *sites* de pesquisa sobre o assunto, os quais estão indicados no quadro disponível na seção ‘Anexo’ ao final do artigo.

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

comunicação humana e, conseqüentemente, no ensino de línguas. Nesse sentido, a análise das falas do estudante Akin é iniciada alicerçada nessa premissa, uma vez que este já trouxe em sua fala observações sobre a maneira como os brasileiros gesticulam ao se comunicar e reconhece a importância disso também para o uso comunicativo na Nigéria:

[1] Já observei que vocês usam muito as mãos quando falam e isso acontece também no meu país, principalmente quando uma pessoa de outra tribo quer falar com outra pessoa que não entende a sua língua. Não dá para entender cem por cento, mas a maior parte do que se quer dizer (AKIN - entrevista).

Percebemos, assim, que a comunicação linguística com gesticulações não se tornou um problema para Akin no Brasil, pois é algo que também se faz em seu país. Esse fato corrobora a teoria de Bruner (1975) em relação à necessidade/capacidade do ser humano de comunicar intenções por meio de expressões corporais como pré-requisito no desenvolvimento da linguagem, já que esta se fundamenta na pragmática e não nos aspectos lexicais ou morfosintáticos da língua. Por outro lado, o entrevistado demonstrou insegurança com alguns gestos específicos feitos por brasileiros, pois têm significado diferente em sua cultura, o que poderia causar mal-entendidos. Ao ser perguntado sobre algum gesto que não tenha gostado, Akin relatou sobre gestos feitos em jogos de futebol de que costuma participar com amigos brasileiros:

[2] Na última vez que joguei futebol eles fizeram alguns gestos pra mim [*pausa curta*], se você fez errado eles esperam que você fale 'foi mal'. Quando você fala, eles levantam o dedo polegar para cima e dizem: 'legal' [*mostra o polegar para cima com os demais dedos voltados para a palma da mão*]. Isso não é bom, mas entendi que foi bom porque entendiam diferente. Outra vez uma pessoa disse palavras que eu não gosto e apontou dedo pra mim no jogo [*mostra o indicador apontado para frente*]. Isso não foi bom, pois se você usar você quer brigar (AKIN - entrevista).

Na análise desse relato, identificamos que a referência cultural do estudante não admite o gesto 'polegar para cima e demais dedos voltados para a palma da mão' como algo positivo, pois esse é um gesto obscuro na Nigéria, diferentemente do Brasil, onde significa que está tudo bem. Em contrapartida, o gesto de apontar o dedo enquanto se usa palavras ofensivas configura-se algo igualmente negativo para o

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

nigeriano e para o brasileiro. Assim, ocorreu um 'choque cultural' sobre determinado gesto, o qual foi compreendido pelo informante somente depois, devido a sua convivência com brasileiros; já o segundo gesto apresentou proximidade de entendimento intercultural. Nos termos de Winkelman (1994, p. 121, tradução nossa): "o choque cultural é uma experiência multifacetada resultante de muitos fatores de estresse que ocorrem em contato com uma cultura diferente". Nesse sentido, a situação de estranhamento e posterior entendimento dos gestos, descrita pelo informante, continua sob essa perspectiva de análise do autor, para quem

as circunstâncias que provocam o choque cultural e as reações individuais dependem de uma variedade de fatores, incluindo a experiência anterior com outras culturas e adaptação *cross-cultural*; o grau de diferença entre a própria cultura e cultura hospedeira [...] (WINKELMAN, 1994, p. 121, grifo nosso, tradução nossa).

No tocante ao tema 'gestos', outros fatores interculturais relatados pelo entrevistado estiveram ligados à comunicação em cumprimentos e expressões faciais. Inicialmente Akin trouxe informações sobre o cumprimento com um aperto e balanço de mãos muito similar ao utilizado pelos brasileiros. Para ele, entretanto, há uma diferenciação desses gestos na Nigéria, assim como o costume brasileiro de dar abraços e beijo no rosto:

[3] Apertar as mãos só entre um menino e outro menino, então eles balançam as mãos. Mas um menino e uma menina, eles não dão as mãos e não dão abraços; só falam 'oi', 'tudo bem?', a não ser que sejam bons amigos. Mas as pessoas não dão beijinhos como vocês [*risos*]. Se você dá beijinho, eles acham que você está namorando (AKIN - entrevista).

Os traços gestuais na cultura nigeriana demonstrados por Akin revelam que apertar e balançar as mãos são atos comuns de cumprimento, mas não entre gêneros opostos. Essa não proximidade entre homens e mulheres é demonstrada na fala do entrevistado quando comenta sobre como abraços dados entre pessoas desconhecidas de gêneros opostos ou beijos no rosto em situações de cumprimentos no Brasil causam-lhe estranhamento. Na cultura nigeriana, esses hábitos são restritos aos familiares ou aos amigos muito próximos, ou ainda, como disse o informante, quando estão "namorando".

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Como os gestos integram a comunicação, sobretudo em contextos informais, é importante que o aprendiz mantenha-se atento ao contexto de uso, tal como relatado por Akin, para que as situações não gerem desconforto aos interagentes.

No que tange a outros gestos, como os de expressão facial, Akin revela dúvidas e estranhamento acerca da maneira de sorrir:

[4] Eu percebo que elas sorriem curto, mas eu não entendo. No restaurante, eu estava almoçando. Ela me olhou, sorriu [*pausa curta*]curto [*faz sinal de aspas com as duas mãos*]e depois levantou para ir embora. Ela olhou de novo e sorriu [*pausa curta*]curto assim [*estica os lábios sem mostrar os dentes, mas retornando rápido à posição inicial*]e foi embora (AKIN - entrevista).

Questionamos o estudante sobre a não existência desse tipo de sorriso 'curto' na Nigéria, que seria 'sem graça' ou 'envergonhado', e então ele compreendeu o sentido do gesto como algo comum a homens e mulheres, mas deu sua justificativa:

[5] Ah, Sim! Sem graça, agora entendi. Não é diferente. Porque quando você chegou, eu também dei um sorriso sem graça porque estava atrasado. É que vocês [*pausa curta*]algumas pessoas sorriem alto e eu não entendi ela com aquele sorriso curto. Na Nigéria, algumas pessoas sorriem baixo e algumas pessoas sorriem alto (AKIN - entrevista).

O não entendimento do 'sorriso curto' pelo estudante pode estar ligado ao fato de que na cultura nigeriana os contatos pessoais – observando-se as ressalvas de proximidade e de gênero expostas anteriormente – utilizam expressões faciais mais alegres, com sorrisos receptivos associados a gestos acolhedores de toque com as mãos e fala em alto volume, a depender das influências étnicas recebidas. Povos de tradição Iorubá, por exemplo, sorriem muito e mantêm bom humor para evitar que os cumprimentos sejam entediantes; os habitantes do sul do País costumam falar mais alto e conseqüentemente sua risada também.

Com base nas interpretações feitas acerca do tema 'gestos', percebemos que o processo de aprendizagem intercultural passado por Akin no Brasil e sua conseqüente dificuldade de compreensão gestual, até sua superação e entendimento, subsidiaram seu processo de comunicação linguística, confirmando que "as relações interpessoais estão muito mais sujeitas às comunicações não verbais que, na

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

verdade, ultrapassam o limiar do corpo [...]. Esses meios são mais exatos e fidedignos do que as palavras” (SANCHEZ, 2006, p. 47).

2.2 Vestuário

Outro tema que emergiu na entrevista com o estudante como um choque cultural foi o 'vestuário'. Para Silva (2009), o vestuário caracteriza historicamente um povo e está associado a hábitos culturais. Segundo a autora, este item foi originalmente elaborado pelo ser humano como proteção contra as condições climáticas, entretanto muitos grupos ou civilizações não faziam uso de roupas, ou então somente a alta hierarquia do grupo as usava para se diferenciar dos demais. Por outro lado, continua a descrição da autora, em outras culturas o uso de roupas tinha também o caráter decorativo ou, ainda, como um meio de chamar a atenção para determinadas atividades em grupo.

As vestimentas do período pré-histórico foram peles e vegetais, enquanto civilizações de épocas posteriores, como a egípcia, já usavam peças compostas de linho e algodão, até chegarmos à Idade Média, período em que existiam os longos vestidos com estrutura metálica por baixo de anáguas (SILVA, 2009); mais recentemente na história, chegou-se até o biquíni 'asa-delta'¹⁰, traje de banho completamente impensável em épocas anteriores. Nesse sentido, a vestimenta – para além de mudanças e transformações em sua estrutura material – apresenta também um plano de representação e significação como linguagem (SILVA, 2001), portanto apta a cumprir a função de comunicação. Esse entendimento também está consoante à perspectiva de Corraze (1982), para quem objetos associados ao corpo humano como os adornos, as roupas, ou mesmo as marcas de cicatrizes ou de tatuagens configuram-se como um dos suportes por meio dos quais se processa a comunicação não verbal humana. Esse processo de representação e significação do vestuário é percebido na fala do estudante Akin, quando comentou acerca da maneira como os brasileiros se vestem:

[6] Os homens às vezes se vestem bem[*pausa curta*], mas quando vão à escola, por exemplo, eles usam bermuda e tiram a camisa. Isso não é bom. Na Nigéria, os homens usam blusas e calça jeans comprida para ir à escola. Às vezes usam vestuários clássicos e outras vezes roupas tradicionais. As pessoas veem

¹⁰ Ver infográfico no site: <<http://moda.terra.com.br/infograficos/evolucao-biquini/>>. Acesso em: 15/12/2015.

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

você como inferior se você usa bermuda para ir ao teatro ou ao cinema, por exemplo (AKIN - entrevista).

Para o entrevistado, a referência de respeito perpassa pela roupa que se deve vestir, como o uso de calça jeans e "blusa", somando-se a este uso as vestimentas clássicas e roupas tradicionais. O estudante atribui, assim, sentido ao vestuário como sinal de respeito à instituição escolar e deixa nítido o choque cultural quando percebe que no Brasil homens "usam bermuda e tiram a camisa" para ir à escola, o que já entende como um fato negativo: "isso não é bom". Também foi possível perceber que esse valor negativo ao fato de se usar bermuda é resultante de um sentido cultural dado à vestimenta, pois ele sabe que esse uso é condenado culturalmente em seu país quando diz que "as pessoas veem você como inferior se você usa bermuda para ir ao teatro ou ao cinema, por exemplo".

Acerca das roupas tradicionais, perguntou-se ao estudante como estas seriam e qual seu uso em sua cultura. Segundo ele:

[7] As pessoas usam roupas tradicionais cumpridas e blusa e calça também. Elas têm cores diferentes. As pessoas usam as cores que querem, mas a maioria usa o branco. Lá na Nigéria, as pessoas só não gostam da cor vermelha porque elas acham que essa cor é usada para coisas perigosas. Mas essas roupas são para ir à igreja e às festas tradicionais, mas a maioria das pessoas que são velhas usam roupas tradicionais todos os dias (AKIN - entrevista).

Em sua fala, Akin evidencia que há uma variedade nas roupas tradicionais e que estão ligadas a festas tradicionais de sua cultura e ao hábito de ir à igreja. É interessante ressaltar que a menção de ir à igreja aparentemente revela sua religião como cristã, mas esse fato não torna incomum a influência das religiões tradicionais nigerianas e a mulçumana nos itens de vestuário comuns ao entrevistado. Isso se liga ao fato também de o modo de vestir de grupos linguísticos situar-se entre roupas coloridas, longas e panos amarrados na cintura a lenços na cabeça, feitos por artesãos com suas técnicas de tingimento e tecelagem, aspectos estes visíveis na herança cultural do país.

As observações do entrevistado corroboram, ainda, a análise de Silva (2001), para quem as peças que constituem o vestuário carregam informações que abrangem desde os aspectos geográficos e antropológicos, econômicos, históricos e culturais relativos ao ambiente social até os elementos mentais, emocionais e psicológicos, traços que dão forma à personalidade individual de cada usuário da vestimenta.

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Conforme essa autora, por meio desses elementos o vestuário torna presente tanto informações socioculturais que caracterizam a coletividade que o produz e utiliza, como informações individuais sobre cada ser único que dele faz uso. Nessa perspectiva, quando perguntado sobre seu gosto pessoal para roupas e calçado, Akin demonstrou a influência de sua cultura, mas também da brasileira, o que o faz gostar, de maneira geral, do vestuário masculino brasileiro, apesar de também criticá-lo em alguns aspectos:

[8] Eu gosto de roupas simples e às vezes de blusa de esporte, como as de jogadores de futebol. É muito fácil encontrar roupas que eu goste aqui. Na verdade, eu não gosto muito das calças que eles vendem aqui, porque são muito feias por causa da mistura de cores. Esta calça que eu estou usando aqui [*aponta para a calça*], por exemplo, eu comprei na Nigéria. Vocês também usam chinelos e sapatos, mas usam chinelos fora de casa. As pessoas na Nigéria não usam chinelos fora de casa; só dentro de casa. Elas usam sapatos diferentes para ocasiões diferentes. Por exemplo, este chinelo¹¹ [*aponta para sua sandália 'franciscana'*] você pode usar para sair da casa, ir pra a escola ou para outros lugares. Tem outro chinelo que você usa para tomar banho e outro para fazer atividades físicas; você não pode usar esses para sair de casa (AKIN - entrevista).

A adaptação de vestuário do informante ao utilizado pelos brasileiros não pareceu ter sido difícil, conforme sua fala. A exceção aparentemente está no estilo de combinação de cores utilizada nas calças masculinas utilizadas no Brasil, de tal modo que Akin preferiu ter suas próprias trazidas da Nigéria. A calça que vestia era um pouco folgada e com desenhos geométricos em branco, laranja e marrom, aparentemente reforçando seu traço cultural diante daquilo que não pareceu adequado para vestir. Por outro lado, o tipo de calçado não é diferente do uso brasileiro, à exceção das regras de uso dos chinelos, os quais são utilizados, no Brasil, em lugares que não se restringem apenas ao lar¹², diferentemente do uso nigeriano informado pelo estudante.

As situações interculturais conflitantes sobre vestuário também puderam ser constatadas no desenvolvimento da resposta à pergunta

¹¹ O entrevistado aparentemente não distingue chinelo de sandália em sua fala, o que nos faz perceber essa diferenciação apenas pelo contexto de uso que expõe.

¹² De acordo com a reportagem "Chinelos são 2 de cada 4 pares de calçados vendidos no país", do site R7, de 23/01/2011. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/economia/noticias/chinelos-sao-2-de-cada-4-pares-de-calcados-vendidos-no-pais-20260123.html>>. Acesso em: 17/12/2015.

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISNN 2237-759X

inicial, quando Akin falou a respeito da maneira de se vestir das mulheres brasileiras:

[9] “Elas usam barriga de fora e calça bem baixa. As pessoas usam também na Nigéria, mas o pai e a mãe delas não permitem que usem esse tipo de roupa. Acho que o clima daqui é responsável por isso, mas elas não têm que usar as roupas que não cobrem a barriga. Para mim não é bom. Já vi elas de saias curtas e decotes na rua aqui, mas na Nigéria só usam para ir a festas” (AKIN - entrevista).

O tipo de vestuário nigeriano, como já comentado ao longo da presente análise, varia entre roupas similares às utilizadas no cotidiano brasileiro e aquelas de grande influência étnica e religiosa, configurando-se em hábitos coletivos com regras de uso. No caso do uso das roupas curtas e decotes para mulheres na Nigéria, segundo o entrevistado, elas “[...] só usam para ir a festas”, evidenciando esse controle. A fala do estudante também indica como a dependência da permissão sobre o uso da vestimenta pelos pais faz parte da relação cultural de cuidado e hierarquia entre os membros dos grupos familiares, o que mostra a importância cultural dada à família e a regulamentação da ação de seus membros. Esse fato também ficou evidente ao perguntarmos ao estudante sobre o uso de *piercings* como acessórios da vestimenta em seu país, ao que ele respondeu que: “só usam algumas pessoas que não têm pais. Se você tem pais, eles têm que falar pra você não usar!”.

A relação hierárquica familiar de ‘obediência’ mencionada por Akin pode também ser socialmente observada entre alguns jovens brasileiros, mas não era o usual no contexto universitário em que o estudante havia se inserido. A mediação, neste caso, poderia auxiliar ao aluno a não tecer uma ideia generalizada de nosso povo ou de não emitir conclusões tão diretamente ligadas a um contexto imediato. Ou seja, a mediação didática colaborativa poderia auxiliar na formação de conceitos socioculturais e evitar a precipitação na formação de preconceitos.

Ante o exposto, podemos inferir que o uso do vestuário almeja atender às nossas necessidades biológicas, culturais e psicossociais humanas, necessidades essas que podem ser normais a um falante nativo de uma língua de determinado povo / cultura, ao mesmo tempo em que se torna um aspecto de choque cultural para o aprendiz de uma língua adicional imerso na cultura dessa língua, sobretudo quando a imersão se dá sem mediação didática intencional.

3. Considerações

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

A pesquisa que apresentamos buscou discutir de que forma o ensino de PLA, dentro das possíveis abordagens que um professor pode adotar em sala, pode ser otimizado com a mediação didática intercultural, uma vez que os aprendizes imersos em um contexto cultural estrangeiro diferente do seu terão diariamente desafios interculturais que o simples aprendizado de estruturas gramaticais não será capaz de transpor. No sentido da interculturalidade exposto, entendemos que o embasamento teórico acerca dessa perspectiva no trabalho pedagógico para o ensino de uma língua adicional pressuporia uma mediação didática a ser definida por temas/tópicos culturais que partam do interesse dos próprios aprendizes e de maneira problematizadora a fim de não gerar entendimentos estereotipados das situações vividas no contexto de imersão.

Sob essa perspectiva, no que concerne ao ensino de português para estrangeiros, Mendes (2000) assevera que os aspectos reais, sociais e artísticos da cultura brasileira devem ser buscados de modo a refletir a sua diversidade, levando em conta o interesse dos próprios alunos por determinadas áreas, além das dificuldades ou necessidades observadas pelo professor, que terá em sua posse instrumentos que servirão de 'ganchos' para conduzir esses aprendizes ao entendimento da língua/cultura alvo.

Para além dessa consideração, compreendemos ainda que mesmo havendo a mediação didática intercultural nos processos de aprendizagem de uma LA, haverá sempre o olhar do estrangeiro sobre a língua/cultura alvo, em uma atitude interpretativa construída na – e perpassada pela – sua cultura, conforme os excertos da entrevista com o estudante Akin puderam ilustrar no item 2 acerca dos temas 'gestos' e 'vestuário', afinal não se pode apagar a subjetividade da compreensão cultural vivida em imersões. No entanto, com situações de problematização a partir do debate sobre temas culturais que enfatizem o respeito e o reconhecimento das diferenças na intenção de ampliar as leituras de mundo de cada um dos interagentes é possível diminuir os impactos negativos de possíveis choques culturais.

Nesse esteio, uma maneira de se trabalhar as dificuldades diárias dos alunos estrangeiros poderia se dar por meio de seus depoimentos sobre contrastes interculturais que tenham percebido, bem como por meio de modelos de entrevistas como o proposto neste estudo, uma vez que a revisitação das falas gravadas pode ser um instrumento de reflexão linguística e cultural em busca de estabelecer estratégias interpretativas conjuntas, com vistas ao trabalho de mediação intercultural diante do choque de culturas.

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Consoante esse entendimento, a mediação intercultural poderia contemplar uma proposta de redimensionamento de atitude dos aprendizes para uma leitura do mundo que também abarque outra cultura (a da língua alvo) com outras "lentes", justamente para auxiliar o processo de expansão de conhecimento desses aprendizes na percepção sobre como a sua cultura molda o seu olhar e seus (pre)conceitos acerca do 'outro', do 'diferente'. Para isso, trabalhar língua e cultura de forma integrada seria imprescindível, uma vez que aprender uma LA implica expandir a visão de mundo, já que a comunicação não se concretiza apenas no âmbito verbal, mas se realiza em um sistema não verbal por diversos outros meios: "expressão facial; olhar (e dilatação da pupila); gestos e outros movimentos corporais; postura; contato corporal; comportamento espacial; roupas e outros aspectos da aparência; vocalizações não verbais; cheiro" (ARGYLE, 1978, p. 2, tradução nossa).

O não conhecimento desses aspectos por parte do professor de uma LA pode tornar ineficaz a mediação didática diante das dificuldades que porventura surjam na comunicação intercultural dos aprendizes, de tal forma que a eficácia do trabalho desse profissional contempla também o acompanhamento da mudança de registro que o sistema não verbal sofre de cultura para cultura, da mesma forma que medeia a sua adequação diante de possíveis choques culturais, assim como acontece com um aprendiz de LA. Dessa forma, esses aprendizes seriam capazes de construir noções mais fundamentadas do sistema cultural em que estão imersos e também de conviver com as distâncias entre a sua própria cultura e a da língua que estão aprendendo.

Certamente muitos outros aspectos culturais podem ser analisados no processo de aprendizagem de PLA, entretanto a dimensão do afastamento cultural entre Nigéria e Brasil identificado pelo entrevistado em dois simples aspectos culturais parece demonstrar que o foco para a cultura também é possível na sala de aula, no que tange à identificação e reflexão sobre comportamentos, atitudes, regras implícitas e as interpretações e percepções por parte do informante acerca da 'cultura nova'.

Diante disso, a mediação didática intercultural poderia promover o trabalho com atividades envolvendo fotos, vídeos e jogos sobre temas que auxiliem a compreender tópicos interculturais existentes, além do incentivo à pesquisa de informações sobre a cultura 'nova', sendo esses meios capazes de promover a ligação entre ensino e aprendizagem da língua e da cultura do país. Compreendemos, com isso, que os temas culturais no ensino de PLA não deveriam ser apenas acessórios ou 'enfeites' usados a título de ilustração do sistema gramatical, mas sim

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

parte essencial das aulas e dos materiais didáticos utilizados na aprendizagem dessa língua.

O professor, assim, seria capaz de incitar os alunos a levantarem aspectos culturais contrastivos e semelhantes entre sua sociedade e a brasileira em diferentes contextos, por meio de atividades de pesquisa em fontes variadas, para que isso também promova um diálogo intercultural que conduza à "compreensão humana", conforme reflete Edgar Morin (2000, p.96-98) sobre essa compreensão somente ser possível evitando-se, entre outros obstáculos, o egoísmo, o etnocentrismo e sociocentrismo, que "nutrem xenofobias e racismos" e fazem parte, dentre outras, das "causas e conseqüências das piores incompreensões".

Ao assumirmos, portanto, um trabalho de mediação didática intercultural no ensino de línguas, assumimos igualmente a forte relação que os conceitos e objetivos trazidos neste artigo sobre os estudos ligados ao multiculturalismo e à interculturalidade possuem com a questão da compreensão humana levantada pelo supracitado autor, para que também sejam favorecidos aspectos emocionais e sociais, com o reconhecimento das diferenças culturais existentes entre países diferentes ou mesmo entre diferentes regiões do mesmo país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papyrus, 2005.
- ALBUQUERQUE, M. J. S. da; BRANDIM, M. R. L. Multiculturalismo e educação: em defesa da diversidade cultural. *Revista Diversa*. Belo Horizonte: UFMG, ano 1, nº 1, jan./jun. de 2008 p. 51-66. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/parnaiba/arquivos/files/rd-ed1ano1-artigo4_mariasilva.PDF>. Acesso em: 13/12/2015.
- ARGYLE, M. *Bodily Communication*. London: Methuen, 1978.
- BENNETT, M. J. Intercultural communication: a current perspective. In: BENNETT, M. J. (Org.). *Basic concepts of intercultural communication: selected readings*. Yarmouth, ME: Intercultural Press, 1998. Disponível em: <http://www.mairstudents.info/intercultural_communication.pdf>. Acesso em: 22/06/2015.
- BRUN, M. Dificuldades na aprendizagem de línguas e meios de intervenção. In: *Setintibus*. Feira de Santana: UEFS, nº 29, jul./dez. de 2003, p. 105-117.

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

BRUNER, J. S. The ontogenesis of speech acts. *Journal of Child Language*. Oxford: University of Oxford, vol. 2, 1975, p. 1-19.

CANDAU, V. M. *Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença*. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: ANPEd, v. 13, nº. 37, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/05.pdf>>. Acesso em: 13/12/2015.

_____. Escola, didática e interculturalidade: desafios atuais. In: LIBÂNEO, J. C.; SUANNO, M. V. R. *Didática em uma sociedade complexa*. Goiânia: CEPED, 2011.

CORRAZE, J. *As Comunicações não verbais*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

D'ÁVILA, C. M. T. Decifra-me ou te devoro: o que pode o professor frente ao manual escolar? In: 28ª REUNIÃO DA ANPED, 2005, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPED, 2005. Disponível em: <<http://28reuniao.anped.org.br/>>. Acesso em: 22/12/2015.

FIGUEREDO, Carla. J e REES, Dilys. K. Cultura e ensino aprendizagem de línguas. In: VII Seminário de Línguas Estrangeiras: a transdisciplinaridade e o ensino das línguas estrangeiras, 2010, Goiânia. *Anais VII Seminário de Línguas Estrangeiras*. Goiânia: FUNAPE, 2010. V. 0, p. 354-366.

FLEURI, R. M. Desafios à educação intercultural no Brasil. *Revista PerCursos*, nº. 1, 2001, p. 109-128.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2009.

_____. *Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes*. Porto Alegre: Penso Editora, 2012.

GAZOLI, D. G. D.; LEITE, S. A. S. da. A dimensão afetiva na mediação pedagógica. In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL, 10, 2011, Maringá. *Anais...* Maringá: Universidade Estadual de Maringá. 2011. *On line*. Disponível em: <<http://www.abrapee.psc.br/xconpe/trabalhos/1/113.pdf>>. Acesso em: 26/12/2015.

GODOI, E. Pragmática: A cultura no ensino de línguas. *Cadernos do Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro: v. 9, nº. 9, 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/9/01.htm>>. Acesso em: 29/12/2015.

GRIPP, M. R. S. Aspectos interculturais no ensino de português língua estrangeira. *Revista SIPLE*. Brasília: Ano 1, nº. 1, out. 2010. Disponível em:

<http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=145:aspectos-interculturais-no-ensino-de-portugues-lingua-

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

[estrangeira-ple-&catid=53:edicao-1&Itemid=91](#)>. Acesso em: 22/06/2015.

HALL, E. T. The power of hidden differences. In: BENNETT, M. J. (Org.). *Basic concepts of intercultural communication: selected readings*. Yarmouth, ME: Intercultural Press, 1998. Disponível em: <http://www.mairstudents.info/intercultural_communication.pdf>.

Acesso em: 22/12/2015.

KRAMSCH, C. *Language and culture*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

LARAIA, R. B. *Cultura um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. In: *Educar*. Curitiba, Editora da UFPR, n. 17, 2001, p. 153-176.

_____. Ensinar e aprender/aprender e ensinar: o lugar da teoria e da prática em didática. In: LIBÂNEO, J. C.; ALVEZ, N. *Temas de Pedagogia – diálogos entre didática e currículo*. São Paulo: Cortez, 2012, p. 35-60.

MACLAREN, P. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 2000.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e tecnologias de informação e comunicação. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. (Org.). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papyrus, 2013.

MENDES, E. Aprender língua, aprendendo cultura: uma proposta para o ensino de Português Língua Estrangeira (PLE). In: CUNHA, M. J. E SANTOS, P. (orgs). *Textos Universitários - Tópicos em Português Língua Estrangeira*. Brasília: EDUNB, 2000.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

PARAQUETT, M. Espanhol Língua Estrangeira: um objeto fundamental. *Caligrama*. Belo Horizonte: UFMG, v. 3, nov. de 1998, p. 117-128.

PERNA, C. L.; SUN, Y. Aquisição de português como língua adicional (PLA): o uso de hedges em português por falantes nativos de mandarim. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 46, nº. 3, jul./set. de 2011, p. 59-70. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/9745/6671>>. Acesso em: 24/11/2015.

SANCHEZ, L. H. A. *A comunicação organizacional interna e o ambiente virtual: novas tendências*. 2006. 334 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2006.

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

SILVA, S. Vestuário: Comunicação e Cultura. *Revista Líbero*. São Paulo: Faculdade Casper Líbero, v. 4, nº. 7. 2001, p. 80-85. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/view/3891/3650>>. Acesso em: 06/1/2016.

SILVA, U. C. de. História da indumentária. In: *Apostila de Projeto de Coleção*– Disciplina História da Indumentária do Curso Técnico em Moda - Estilismo. Araranguá: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, 2009. Disponível em: <https://wiki.ifsc.edu.br/mediawiki/images/e/e2/Hist%C3%B3ria_da_Indument%C3%A1ria_vers%C3%A3o_02.pdf>. Acesso em: 15/1/2016.

SPINASSÉ, K. P. Os conceitos língua materna, segunda língua e língua estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. In: *Revista Contingentia*. Porto Alegre: UFRGS, v. 1, nov. de 2006, p. 1-10. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/setordealemao/revista/revista.anteriores/vol1_11_2006/1_spinasse.pdf>. Acesso em: 10/12/2015.

TOSCHI, M. S. CMDI – Comunicação Mediada por Dispositivo Indutor: elemento novo nos processos educativos. In: LIBÂNEO, José Carlos e SUANNO, Marilza Vanessa Rosa (Orgs.). *Didática em uma sociedade complexa*. Goiânia: CEPED, 2011.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WINKELMAN, M. Cultural Shock and Adaptation. *Journal of Counseling & Development*. Alexandria: American Counseling Association, v. 73, nº. 2, nov. de 1994, p. 121-126. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/j.1556-6676.1994.tb01723.x/abstract>>. Acesso em: 13/12/2015.

ANEXO

SILVA, Pedro Ivo; CASTRO, Raimundo Márcio Mota de; SABOTA, Barbra. Aspectos Culturais no Ensino de Português como Língua Adicional (PLA): uma proposta de mediação intercultural. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 120-145, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Sítios consultados acerca da cultura nigeriana

- (1) <<http://economia.uol.com.br/planodecarreira/artigos/polito/2008/09/15/o-significado-dos-gestos-em-diferentes-culturas.jhtm>>. Artigo na coluna de economia do site da UOL, sobre diversos gestos ao redor do mundo, entre eles o gesto 'polegar para cima', na Nigéria. Acesso em: 13/12/2015.
 - (2) <<http://www.kwintessential.co.uk/resources/global-etiquette/nigeria.html>>. Site da *Kwintessential*, uma companhia multinacional de serviços de tradução, em suas considerações sobre a influência muçumana na Nigéria em atos de cumprimento. Também traz descrições sobre regras de convivência, etiqueta, comportamento, estilo de comunicação e vestuário de grupos étnico-linguísticos espalhados pelo País. Ademais, descreve a forte tradição familiar nigeriana de cuidado dos mais velhos sobre os mais jovens, a responsabilidade mútua entre os membros da mesma família e a valorização de atos honrados. Acesso em: 16/12/2015.
 - (3) <<http://www.nigerianembassy-brazil.org/Portugues/Cultura/cultura.htm>>. Site da embaixada da Nigéria, que traz informações geográficas, históricas e culturais, além de especificidades do vestuário do País. Acesso em: 14/1/2016.
 - (4) <<http://www.our-africa.org/nigeria/people-culture>>. Site do projeto *Our Africa*, da ONG inglesa *SOSChildren*, de assistência a crianças africanas órfãs. O site traz vários elementos culturais sobre a Nigéria, entre eles a descrição dos ofícios artesanais de vestuário e suas técnicas. Acesso em: 14/1/2016.
-